

Tensão nas relações com bancos

Nervosos, os banqueiros reduziram para 30 dias as linhas de curto prazo e ameaçam com uma guerra econômica

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Uma fonte bancária de Nova York revelou ontem que a relação entre bancos norte-americanos e brasileiros "está muito tensa" desde que foram completados 180 dias de moratória do Brasil, na semana passada. "Agora, praticamente todos os empréstimos das linhas de curto prazo foram reduzidos a prazos de 30 dias", acrescentou a mesma fonte, dando um exemplo de como se manifesta, na prática, a nova onda de tensão. "E a taxa para os empréstimos subiu para o patamar mais elevado, 1,5% acima da Libor", informou.

Uma outra fonte, confirmando que "os banqueiros estão nervosos com o Brasil", explicou: "A incerteza foi agravada com a passagem do ministro da Fazenda brasileiro

por aqui. Deu-nos a impressão de que não saímos do lugar".

As perspectivas de um agravamento das relações já tensas entre bancos norte-americanos e brasileiros não são compartilhadas pelos assessores de imprensa dos principais bancos credores do Brasil. Eles atravessaram o sexto mês da moratória brasileira esperando a decisão de uma comissão intergovernamental que vai se reunir

no dia 26 de outubro, quando, então, a dívida do Brasil poderá ser reclassificada, tornando-se um crédito em liquidação.

"Se isto acontecer, ninguém mais emprestará dinheiro para o Brasil" — diz um operador de bancos, em Nova York. "Mesmo as linhas de curto prazo serão suspensas. Isto poderá desencadear uma guerra econômica."

Mas, em Washington, as difi-

culdades que se prevêem em Nova York ficam mais confusas, e nota-se, nos meios governamentais, um esforço para evitar qualquer confronto, neste momento em que o Brasil está devotado à sua Constituinte. Há mesmo quem antecipe que a comissão intergovernamental poderá adiar sua decisão para o mês de março.

Outra razão para que os bancos não se precipitem é o reinício

das negociações sobre a dívida, marcado para setembro. "Os bancos querem receber seu dinheiro, e não brigar com o Brasil. O melhor, para que as negociações comecem será manter um clima favorável".

Segundo a legislação americana, uma dívida é rebaixada, tornando-se inadimplente, se o país devedor não efetuar nenhum pagamento durante seis meses — e a moratória brasileira completou

seis meses no último dia 20 — embora alguns juros não deixaram de ser pagos, como os das linhas de curto prazo. Outro critério para o rebaixamento: o país não ter perspectiva de cumprir o acordo com o FMI — e o Brasil não voltou ao FMI.

"Os presidentes Sarney e Miguel de La Madrid anunciaram, no México, que não querem uma guerra econômica" — lembrou um banqueiro, falando a *O Estado* e ao *JT*, ontem, em Nova York. "Só que o presidente de La Madrid aceita conversar, e o presidente Sarney, não mantendo uma posição de quem deve, não nega e não paga. Ele diz que não está num curso de colisão, mas também não quer ninguém na frente, em seu caminho. Isso cria atrito, e pode provocar um confronto que ninguém deseja".